



FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Martina Gonçalves Burch Costa¹

Resumo

Este texto faz parte da dissertação do mestrado intitulada “Futebol além das quatro linhas: um estudo sobre a formação ‘profissional’ das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix. Através deste tema nós iremos pontuar algumas peculiaridades que tivemos ao realizar uma pesquisa etnográfica no clube. O objetivo da pesquisa é entender essas construções e conjunturas que atravessam as carreira futebolísticas das jogadoras no sul do Brasil, mais precisamente na cidade de Pelotas/RS. Como conclusão, apesar da falta estrutural no futebol de mulheres na região, a sociabilidade e a paixão fazem com que elas driblem as dificuldades e acreditem numa futura carreira.

Palavras-chave: Profissionalização. Futebol de mulheres. EC Pelotas/Phoenix.

Introdução

O futebol de mulheres foi marcado em sua história por períodos de ascensões e interrupções, porém não de ausência. Desmistificar esses conceitos é algo importante e deve ser cada vez mais realizado na nossa sociedade. As mulheres sempre lutaram para conseguir o direito igualitário, seja no meio esportivo, seja fora desse ambiente. E através desse ato de resistência das mulheres, é o que fez e faz com que elas pulassem as barreiras do preconceito e continuassem em determinados esportes mesmo que a sociedade não os encarece de uma forma natural.


Escolhemos a equipe do EC Pelotas/Phoenix para realizar a pesquisa, pois é o clube no qual possui sua relevância no estado por revelar jogadoras e ter o projeto há mais de 20 anos em andamento. Desta maneira, através da pesquisa etnográfica como instrumento para realizarmos esta pesquisa, investigamos: como ocorrem essas construções e conjunturas na formação de uma carreira futebolística no sul do Brasil.

Metodologia

A pesquisa caracterizou-se por um estudo de caráter etnográfico, onde acompanhamos durante o ano de 2017 a temporada esportiva da equipe de futebol de mulheres do EC Pelotas/Phoenix. Nesta equipe foi investigado a formação das atletas por meio da observação

¹ Mestranda no programa de Pós-Graduação em Educação Física na Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Martina_gbc@hotmail.com.





participante, diário de campo e de um roteiro com perguntas semiestruturadas com as jogadoras das categorias sub-15 e sub-17. No total, foram 27 presenças no campo. E estas presenças eram realizadas em treinamentos, viagens e jogos.

Além da pesquisa etnográfica, também realizamos entrevistas semiestruturadas com 4 atletas do clube. Sendo elas, três atletas que disputavam as categorias sub-15, sub-17 e uma atleta que participava da parceria do clube com uma empresa que realiza intercâmbios com atletas.

As entrevistas foram realizadas no início do ano de 2018 na cidade de Pelotas/RS. No total, foram três entrevistas presenciais e uma não presencial², devido à jogadora não morar na cidade onde foi realizada a pesquisa.

Futebol de Mulheres no Brasil

O futebol de mulheres surge no Brasil no ano de 1921, sendo disputado por duas equipes de bairros da cidade de São Paulo, na partida entre Senhoritas Cantareirenses contra Senhoritas Tremembenses (MOURA, 2003).

Porém, não demorou muito para o futebol se popularizar. Conforme iam acontecendo jogos pelo país e ocorrendo o aumento desta modalidade, principalmente chegando aos subúrbios das principais cidades, o público que desfrutava desse esporte também foi se modificando, tornando o seu jogo mais popular e conquistando o gosto das classes com menor poder aquisitivo.

Resultante desse crescimento dos jogos, a mídia começou a noticiar as partidas em que as mulheres estavam disputando. E isso fez com que os chamados “especialistas da época”, oriundos da tradição médica, comessem um movimento de não aconselhamento de determinadas modalidades esportivas, pois segundo eles, as mulheres prejudicariam sua parte fisiológica e com isto, resultaria em não cumprir o seu “papel”³ atribuído socialmente.

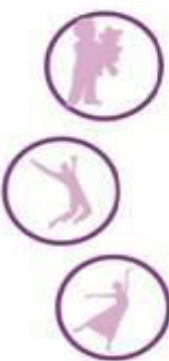
Este movimento a favor da proibição de alguns esportes para as mulheres gerou efeitos e mudanças no país. Deste modo, no ano de 1941, se instituiu o decreto-Lei⁴ em que “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.49).

² Para a realização da entrevista não-presencial foi utilizado o programa Skype.

³ Durante este período no Brasil, houve uma contradição de pensamentos, entre aqueles que condenavam a atividade física para a mulher e outros que eram favoráveis, pois os “exercícios físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir a ‘missão’ da maternidade e graciosidade e beleza para exercerem, a contento, seus papéis de esposa” (SOUZA, 1994, p. 28-29).

⁴ Este decreto-lei foi implementado em 1965, período ditatorial no país (1965 até 1985), e só teria sua revogação no ano de 1979. Ou seja, enraizando quase quarenta anos de interdições e barreiras desses esportes no país. Podemos dizer que o futebol feminino no Brasil possui por volta de 40 anos de história oficial e legalizada.





Somente em 1979, com a revogação da resolução que impedia a prática desses esportes incompatíveis com as mulheres, foi o que fez com que elas tivessem o direito legal de poderem estar em campo e passar a “tentar” se organizar em times para a disputa de competições estaduais e nacionais. Com o fim da proibição, alguns clubes foram formados e posteriormente desfeitos. E é dentro deste contexto que o EC Pelotas/Phoenix nos chama bastante atenção, pois é um clube que existe a mais de 20 anos.

EC Pelotas/Phoenix

Este departamento foi fundado na data de 25 de julho de 1996, sob a denominação de Esporte Clube Pelotas/Phoenix (EC Pelotas/Phoenix) ou “Lobas⁵”, como são apelidadas por onde jogam. A criação do EC Pelotas/Phoenix aconteceu através do seu atual técnico/ coordenador da equipe. Desde a sua fundação, é o responsável por administrar e treinar o grupo das atletas do clube. Este técnico, além de treinar as jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, também já obteve em seu currículo uma breve passagem como auxiliar técnico na seleção brasileira de futebol de mulheres na categoria sub-17. Essa passagem talvez abriu portas para que várias jogadoras do clube pudessem ser convocadas para a seleção nacional.

Por ser um clube que revela jogadoras, o EC Pelotas/Phoenix nesses últimos anos tem buscado investir nestas categorias mais jovens⁶ quando se trata das mulheres no futebol. Porém, analisando a sua trajetória, ele também já possuiu a categoria das jogadoras adultas.

É um clube que se torna importante porque existe a mais tempo em atividade no Rio Grande do Sul, sendo um revelador de jogadoras não só para outros clubes, mas também para a seleção brasileira de futebol de mulheres⁷. Tendo o exemplo mais bem-sucedido da jogadora Andressinha, que hoje atua nos Estados Unidos.

No entanto, apesar de ser um clube formador de atletas e de ter ganho alguns títulos no estado e região, ele assim como outros clubes no país, possui problemas financeiros e dificuldades na sua estruturação. Atualmente, o clube não disponibiliza salários para as suas jogadoras, sendo o sustento do departamento de mulheres feito através de patrocínios, convênios e principalmente, o apoio dos pais das atletas.

⁵ Lobas é um apelido em alusão ao símbolo do clube, o lobo.

⁶ Atualmente, no ano de 2018, o departamento de futebol de mulheres conta com as categorias sub-13 e sub-15. Porém, quando começamos a realizar esta pesquisa, em março de 2017, o clube possuía além da categoria sub-15, também a sub-17.

⁷ Já foram convocadas 25 jogadoras do EC Pelotas/Phoenix para as seleções brasileiras de base, 24 dessas jogadoras foram convocadas após o ano de 2008, o que foi considerado um divisor de águas no clube, pois o time se sagrou campeão do Campeonato Estadual.





Estrutura das atletas

O EC Pelotas/Phoenix conta na sua estruturação com um centro de treinamento⁸ denominado Parque Esportivo e Recreativo Lobão ou Parque Lobão, como é conhecido pela população local. Esse centro de treinamento é composto como estrutura física por: cinco campos de futebol, além de uma ampla área de lazer que o clube aluga durante o ano inteiro para a comunidade em geral.

O transporte para os treinamentos era feito através de um ônibus que a equipe das mulheres tinha que fretar⁹ para se locomoverem para os treinamentos. Esse dinheiro para pagar o veículo de transporte era coletado através de patrocínios e principalmente, da ajuda financeira dos familiares das atletas

Muitas vezes os treinamentos coletivos eram realizados mesclando as atletas, em razão do baixo número de jogadoras disponíveis que o clube poderia contar durante os finais de semana. Em razão de obter um número muito alto de atletas de fora da cidade de Pelotas/RS, o clube se tornava completo somente em feriados ou véspera de campeonatos. Para isto, os pais das atletas do EC Pelotas/Phoenix foram um dos grandes facilitadores para que esse processo acontecesse. Como uma forma de ajudar o clube, os pais dessas atletas abrigavam em suas casas as jogadoras que vinham de fora da cidade. Ou seja, o clube ficava isento de ter que conseguir algum alojamento ou pagar alguma hospedagem para as atletas. Havia uma solidariedade de alguns pais para hospedarem essas jogadoras.

O projeto do clube também contou com dificuldades financeiras durante a temporada, fazendo com que as jogadoras tivessem que se organizar e pagar uma mensalidade¹⁰ para arcar com as despesas. Este valor custeou os deslocamentos das atletas em direção ao Parque Lobão, viagens do Campeonato Gaúcho, materiais e equipamentos novos no qual a comissão técnica utilizou. Enfim, a situação financeira tornou-se um grande empecilho ao restante do ano.


Ou seja, as jogadoras se sacrificavam para obter uma (im)provável carreira futebolística. E digo isto, diante de toda a história das dificuldades da mulher ser reconhecida

⁸ As jogadoras do clube treinavam na maioria das vezes neste centro de treinamento, raríssimas vezes os treinos eram feitos no estádio da Boca do Lobo, estádio principal da equipe de futebol dos homens.

⁹ O EC Pelotas possui um ônibus personalizado, todavia, é de uso exclusivo da equipe principal dos homens.

¹⁰ Essa situação de pagar mensalidades, segundo o relato das jogadoras, não acontecia em anos anteriores. Apesar das dificuldades que esse projeto pudesse enfrentar, encontrava-se uma maneira e as jogadoras ficavam isentas da contribuição financeira. Mas esse ano foi diferente, pois até equipamentos fundamentais do jogo estavam carecendo.





na modalidade e do nível existencial de profissionalização do futebol de mulheres na região e no país.

Formação Profissional

Como no elenco existia uma heterogeneidade de características, algumas encaravam como uma futura carreira e outras poderiam encarar como uma oportunidade de divertimento, um espaço de lazer. Um ambiente onde o que faziam elas permanecerem, criarem raízes, não eram os vínculos contratuais e sim, os vínculos de amor, de amizade e de sonhos.

Como presentes nesses relatos: “Se não fosse o grupo, eu já teria saído antes do Pelotas. E aí toda vez que renovava a gente pensava, bah, que droga, vai todo mundo embora. Aí chegava o ano seguinte e tava 2, 3 e já chegava gente nova que chegava se enturmando”. (Entrevista, Daniela, 2018); “Muitas gurias elas falavam que queriam ser jogadoras, mas também tinha uma boa parte que não queria sair do Pelotas por causa das amizades. Muito pelo convívio”. (Entrevista, Iara, 2018)


Além dessa diferenciação dos perfis das atletas, a sociabilidade era o que fazia com que as jogadoras enfrentassem os problemas estruturais do clube e continuassem jogando futebol naquela localidade. Essa sociabilidade gerava o sentido de pertencimento. De que as atletas estavam naquele local, por gostarem de estar no ambiente, gostarem da roda de convivência, além de amar a modalidade. Ou seja, permanecendo em um espaço onde encontrava pessoas semelhantes a elas.

O futebol sempre foi muito mais que só um esporte, ele me proporcionou qualidade de vida. E a primeira pergunta que eu fiz quando cheguei ao médico foi se eu podia continuar jogando futebol. E aí ele falou que sim, vai ser ótimo que tu faça algum esporte, que tu pratique, vai ser bom pro teu nível de açúcar no sangue, então isso tornou saúde pra mim. Isso tornou muito mais do que eu posso explicar. (Entrevista, Rafa, 2018).

Além de todas as barreiras que são impostas para a mulher praticar esta modalidade na sociedade brasileira, elas ainda continuam buscando uma carreira futebolística. Elas se reconhecem como jogadoras de futebol e se sentem a vontade por permanecerem inseridas dentro de espaços como este, que tanto podem ser considerados amadores, por tudo que já foi exposto neste texto, mas que também podem ser considerados como um espaço profissional, pelo modo como algumas jogadoras encaram. A linha que diferem eles é tênue e mutável.

Apesar das jogadoras terem o sentido de pertencimento nos clubes e o sentimento que são atletas de futebol, a ausência de oportunidades na modalidade gera a culpabilização por parte delas. Essa culpabilização é resultante dos preconceitos em que a sociedade não encare de uma forma natural a mulher praticando este esporte. Desta forma, quando os clubes fecham





as portas para as jogadoras, elas isentam eles dessa culpa. Como fica evidente nessa fala da jogadora:

Eu quero seguir jogando, mas é o querer e não saber como. Agora eu quero jogar, queria ter um plano que eu soubesse que daria 100 % certo, tar estudando e jogando ao mesmo tempo e crescer com isso. Só que a partir do momento que o time que eu jogo que é o único time de futebol de campo feminino que eu possa jogar que é o lugar mais perto que eu posso ir, ele acaba. Aí tu já pensa; como que eu vou seguir jogando? Como eu vou manter meus planos de seguir jogando? Não tem. (Entrevista, Cristina, 2018).

A ausência de clubes na região, como está expresso na fala da jogadora, nos evidencia a dificuldade que algumas mulheres encontram de ter uma oportunidade de disputar o esporte. Em razão de ter acabado a categoria, elas não tem aonde jogar e essa ausência de um espaço, pode afastar não somente o sonho dela, mas de diversas mulheres de seguir na modalidade.

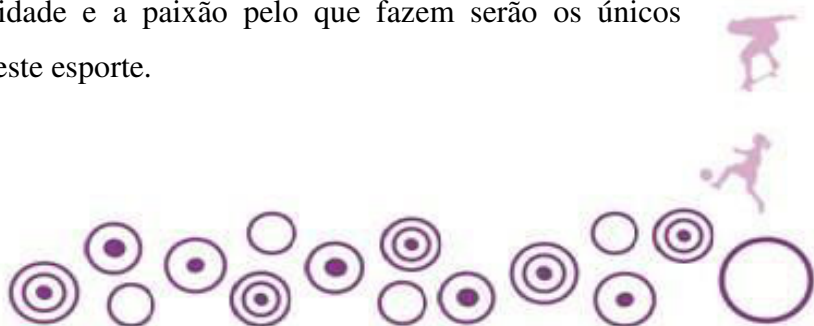
É o querer jogar e não saber aonde? É querer seguir jogando no clube, porém não saber se no ano seguinte irá existir a categoria. Enfim, parece que a cada passo a frente, com uma maior visibilidade do futebol de mulheres no mundo, existem dois passos atrás, por parte da estruturação no Brasil.


Conclusão

Com a realização desta pesquisa alcançamos relatos importantes do futebol de mulheres do sul do país, mais precisamente das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix da cidade de Pelotas/RS, que nos permite uma considerável compreensão acerca dos elementos que constituem a formação de atleta de futebol de mulheres, tanto no sentido das dificuldades como também nos desafios de seguir uma (im)provável profissão.

Dentre esses elementos, se destaca as questões relativas a estruturação dessas jogadoras, elas se sacrificam com treinamentos, viagens, empenho, porém a qualidade e a estruturação que elas estão inseridas não são as mais adequadas. Elas enfrentam desde os campos esburacados dos campeonatos e treinamentos, até o preconceito social, onde as pessoas ainda não consideram natural a mulher praticar o futebol como uma forma profissional.

A falta de oportunidades ainda afeta o desenvolvimento de diversas mulheres que desejam se tornarem atletas profissionais. Portanto, uma das saídas para desenvolver a modalidade seria uma nova formulação da estruturação do futebol. Pois, continuando com o retrato atual da modalidade, a sociabilidade e a paixão pelo que fazem serão os únicos motivos que explicarão essas mulheres neste esporte.





Por fim, acreditamos que uma das saídas para um maior desenvolvimento seja uma mudança estrutural e organizacional das entidades esportivas que comandam o esporte no país, se não houver essa mudança, acreditamos que se torne difícil ocorrer maiores oportunidades para as atletas no Brasil.

Referências

BALLARYNI, H. Por que a mulher não deve praticar o futebol. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, v. 49, p. 52, dez., 1940.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

LOBASECPELOTAS. Disponível em:

<<http://lobasecpelotas.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). 2003. 125f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2003.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

